

8 c

Stéphane Beaud
Florence Weber

Guia para a pesquisa de campo

Produzir e analisar dados etnográficos

Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida
Revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi

 EDITORA
VOZES
Petrópolis

13

NOME PROF.º Carla

COD. C9 87 PASTA 87

952 117

1,56

A conduta da pesquisa, a conduta das entrevistas, a negociação e, se houver oportunidade, a negociação dos lugares de observação, dizem respeito ao saber-viver e à deontologia. Em contrapartida, a própria observação, um triplo trabalho de percepção, de memorização e de anotação, diz respeito ao saber-fazer e à técnica. Um observador iniciante corre o risco de nada ver ou de só ver o que projeta de suas experiências anteriores em uma situação nova.

Em toda interação de pesquisa, seja ela pessoal ou anônima, o mal-entendido serve, ao mesmo tempo, de revelador e de controle das interpretações imediatas do pesquisador. A análise posterior das relações de pesquisa consiste justamente em localizar e explicitar tais mal-entendidos para transformá-los de obstáculos em ferramentas de conhecimento.

Ao contrário, se deixarmos de lado a necessária negociação de um posto de observador, a observação não depende senão de você, pois não há mais possibilidade de mal-entendido, mas corre-se o risco de contra-senso (cf. Encarte 25). Você não diz nada, não exprime nada, contenta-se com observar; os observados têm, portanto, poucas chances de "ouvi-lo" mal ou de ouvi-lo responder; e se você os escutar sem lhes responder ou questioná-los não haverá também indicação tangível de suas (de você) más interpretações, nada que possa deixá-lo com a pulga atrás da orelha ou atrapalhá-lo. Na observação pura, você está livre de suas próprias análises.

Ninguém virá contestá-las nem ajeitá-las para torná-las suportáveis. Elas são estritamente incontroladas. Para o iniciante, isso parece uma facilidade. É uma verdadeira armadilha. Você corre o risco de "ver" de esquelha; de "ouvir" mal, de "equivocar-se" sobre o sentido do que percebe. Mas não se dá conta de tudo isso. O contra-senso não é um crime contra a polidez ou de saber viver (como um erro de ortografia ou de gramática), mas um crime contra o conhecimento, como o contra-senso das traduções.

É por isso que aconselhamos a testar suas observações através de entrevistas, quando pedirá a seus entrevistados do que se lembram de um fato ao qual assistiram juntos. É por isso também que desaconselhamos a observação "pura", seu uso exclusivo, e recomendamos um misto de entrevistas e de observações (cf. Encarte 26) que, segundo a dosagem de ambas, chamamos de "entrevista etnográfica" ou "observação sociológica".

Este capítulo foi concebido para melhorar suas capacidades de observação. Você será levado a explicitar a massa de observações ordinárias que todos nós fazemos a res-

Encarte 25**Passo em falso, mal-entendido, contra-senso**

São três conseqüências inevitáveis da *desambientação*, motor da pesquisa etnográfica. As duas primeiras comportam riscos para a interação de pesquisa que, se forem superadas, ajudam a avançar e ser-lhe-á feita uma observação e você se explicará e as bases do contato ficarão mais claras. São, também, motores para a análise, pois ajudá-lo-ão a explicitar as regras de conduta que terá infringido (no passo em falso), a distância entre universos fundados em referências diferentes (no mal-entendido).

No entanto, o contra-senso é solitário, pois não é um risco interativo e por conseguinte instrutivo; é, sim, um risco puro de análise. Ninguém virá contradizê-lo. Por isso, deverá controlar suas interpretações nas interações e o mais simples, em geral, será fazer entrevistas.

Exemplo de passo em falso

A etnógrafa, uma moça de 25 anos, passa a noite numa casa noturna (em seu campo) e lá encontra um moço de 17 anos. No dia seguinte, almoça com um amigo, trabalhador da fábrica, com sua irmã trabalhadora e seu cunhado cantoneiro, na casa dos M., onde o marido trabalhador é amigo do primeiro e têm "lugar de hóspede-cliente" à mesa (eles oferecem refeições pagas). Em meio à alegre e ruidosa reunião, a etnógrafa vê o moço da véspera descer a escada. Ele fica atônito. Ele está atrás dos seus pais que não o viram. Com ar de espanto ele lhe faz um sinal para que não diga nada. Ela se retém, mas por pouco não o cumprimentou.

No início de pesquisa, esse passo em falso não teve nenhuma conseqüência, mas a etnógrafa havia transgredido, pelas necessidades de sua pesquisa, a fronteira entre a geração dos filhos e a dos pais. Na véspera havia usufruído de um divertimento típico de adolescentes (os clientes de boate noturna eram alunos de 16 a 20 anos); no dia seguinte, um divertimento típico de adultos, todos os convidados, exceto ela, tinham entre 35 e 45 anos e crianças de 10 a 18 anos. O espanto do filho de seus hospedeiros vinha de "sua traição", pois como podia ela, a pesquisadora, na véspera ser sua igual e, na manhã seguinte, a igual a seus pais?

Exemplo de mal-entendido

Por ocasião de uma pesquisa sobre a memória trabalhadora em Ivry-sur-Seine, um estudante telefona para uma mulher que encontrou na véspera por ocasião de uma entrevista coletiva num contexto sindical. Apresenta-lhe, por uma segunda vez, sua pesquisa sobre maio de 1968. Ela responde falando de junho de 1985. O mal-entendido alonga-se por várias réplicas até que um problema de idade (ela diz ser, na época, aposentada) revelou o mal-entendido (em 1968, ela tinha 35 anos e, portanto não era aposentada por ocasião de "tais fatos"). Um deslocamento de objeto (da memória de 68 à comemoração de junho de 1985) será a conseqüência desse encontro telefônico que desvendou a existência de dois universos (o do pesquisador e o do pesquisado) construídos sobre referenciais contraditórios (GOBILLE[44]).

Exemplo de contra-senso

Uma pesquisa sobre carnaval de M. realizada utilizando descrições do desfile e da "atualização" das modalidades do evento. A análise é feita em termos de rituais políticos e de espontaneidade popular. Só uma pesquisa mais aprofundada mostrará que os detalhes revelados pelo etnógrafo foram criados por um empregado (pago) de serviço cultural da cidade que havia lido os bons etnólogos.

peito do mundo social com seu lote de falsas observações e de falsas deduções. Porque, como *Monsieur Jourdain*, você passa a vida a observar, sem o saber, e é essa capacidade social de observar que deve servir de adubo para desenvolver sua capacidade etnográfica para observar. Depois, ser-lhe-á proposta uma série de exercícios de observação para ensinar-lhe a perceber, a memorizar e a anotar como etnógrafo. Não há observação sem anotação.

Reciprocamente, a anotação etnográfica não é um exercício de estilo, pois ela se prepara *in situ* e escreve-se às pressas para não se esquecer. Se seguir escrupulosamente esses exercícios, não passará pela angústia da folha em branco. A anotação de observação não é nem literária nem filosófica. Ela está próxima do Questionário de Múltipla Escolha (QME) com a diferença que cabe a você inventar as questões e as respostas. Anotar uma observação é uma técnica particular que se pode utilmente comparar, para se afastar do fantasma da literatura, com uma série de fotos reunidas de forma lógica e repertoriada de forma precisa. É uma ginástica mental, uma técnica de memorização e de esquematização gráfica.

Encarte 26**Observações e entrevistas
Quadro paralelo das diferentes fases**

	<i>Observação</i>	<i>Entrevista</i>
1ª fase: negociar seu lugar	Achar um lugar de observação (associar aliados à confidencialidade).	Negociar a entrevista (pôr em ação uma colaboração).
2ª fase: <i>in situ</i>	Intervir como participante se preciso ou como pesquisador. Memorizar.	Conduzir a entrevista (intervir como pesquisador). Registrar e observar.
3ª fase: escrever e analisar	Anotar a observação. Apoiar-se em documentos recolhidos e repertoriados.	Transcrever a entrevista, colocá-la em fichas, analisá-la, relacioná-la com elementos exteriores a ela (boatos, práticas observadas).
4ª fase: controlar	Entrevistar os participantes. Reiterar a observação. Comparar vários acontecimentos.	Rever a pessoa. Completar as informações faltantes.

O que é observar?

A observação etnográfica sustenta-se sobre o encadeamento destas três técnicas fortemente entrelaçadas: perceber, memorizar, anotar (cf. Encarte 27). Supõe um vai e

vem permanente entre suas percepções, sua explicitação mental, sua memorização e o caderno (seu diário de campo) no qual faz suas anotações. É uma vigilância aguçada por informações exteriores e questões que evoluem à medida que seu trabalho avança. É uma ferramenta de descoberta e de verificação. Sem armas, a observação é vazia. Muito armada não aprende nada. Cabe a você construir o que deve verificar. Não se observa sem referências, sem pontos de balizamento.

Encarte 27

Atenção às palavras utilizadas

Uma das primeiras qualidades do observador é a atenção às palavras usadas. Deve partir da idéia que as palavras jamais são "inocentes"; elas carregam consigo não só uma história morta da qual ninguém tem mais consciência, mas são *conotações* bem presentes, que fazem parte de um repertório, que elas enviam sinais por intermédio das referências que carregam consigo como uma auréola.

Antes de fazer a experiência com palavras nativas, com palavras utilizadas pelo seu meio de pesquisa, exercite-se ouvindo ao acaso as palavras de todos os dias, as palavras das mídias, as suas mesmo, as de seus mais próximos. Escute a crônica apaixonante e humorística de Alain Rey, linguista, pela *France Inter* (todas as manhãs às 8:40h), intitulada "História de uma palavra". Exercite sua curiosidade procurando palavras nos dicionários contemporâneos, históricos ou etimológicos.

Exemplo: por que a "falta" de ortografia¹ que parece ser um erro (da ordem do saber) é chamada de "falta" (termo de conotação moral)? Mesmo que se trate de termos institucionais, impossíveis de interpretar fora da história da instituição escolar, exercite-se em perceber bizarrices e em tentar explicá-las. Só, sem ninguém, não conseguirá! Mas exercite-se, pelo menos em *perceber* as anomalias.

Mas o "guia" de observação, como todo guia de entrevista, não são simples prévias metodológicas. Por serem adaptados, já são produtos de sua pesquisa e, por conseguinte, não pode "inventá-los" fora do campo, na solidão de seu gabinete literário ou filosófico. Sem isso você se condena a apenas observar o que já conhece.

Para melhorar sua *atenção* ao mundo social e elevá-la à qualidade de *observação* é-lhe preciso:

- explicitar suas percepções e suas impressões mentalmente num primeiro momento e, depois, por escrito;
- tomar consciência de que suas percepções dependem não somente de um questionamento teórico, mas sobretudo de um ponto de vista empírico;
- fazer variar sistematicamente os pontos de vista que você assume, empiricamente, para observar.

1. N.R.: Mantivemos o termo "falta" em razão do sentido da argumentação na frase, pois "erro" de ortografia em francês é denominado "faute" (falta em português).

Os quatro exercícios que lhe propomos (p. 114-117) tratam, ao mesmo tempo, das percepções *in situ*, de sua memorização e de sua forma de anotação. Essas três atividades (perceber, memorizar e anotar) melhoram ao mesmo tempo. Ter anotado uma observação precedente permite uma melhor observação *in situ*: exercitar sua memória aumenta a capacidade de observação.

A cada vez lhe proporemos um exercício duplo: o primeiro é um exercício de desambientação que deve ser efetuado em campo, no processo de pesquisa; o segundo é um exercício de distanciamento e pode ser efetuado em seu universo habitual. Se você não realiza uma pesquisa por desambientação mas, sim, por distanciamento reparte-se inicialmente à segunda; a primeira servir-lhe-á de controle. Tais exercícios são progressivos. Terá que efetuá-los na ordem e assim evitará a maior parte das ciladas montadas pelas situações aparentemente as mais fáceis de observar, na realidade as mais temíveis, as "observações puras" que não acontecem no quadro de uma pesquisa e não são acompanhadas de participação alguma. Em geral, nesses casos, não se vê nada, seja por excesso de familiaridade (não há surpresa, nada a dizer, nada a anotar; é o caso, então, das pesquisas sem desambientação): seja por excesso de estranheza, por falta de informação tudo se funde, então, numa impressão de conjunto, muito viva, que se poderá notar, mas que tem todas as chances de estar afastada da realidade (cf. Encarte 28). É preciso, portanto, uma vez mais, tornar familiar aquilo que é estranho e tornar estranho o que é familiar. Quando sua pesquisa se faz em universo habitual, quando o "campo" está em seu território, a segunda operação, a única possível, tornou-se mais difícil pela ausência de pontos de comparação. A observação prende-se a essa tensão, o mal-estar provocado no momento em que o familiar torna-se estranho, o estranho torna-se familiar.

Encarte 28

Observações excepcionais e anotações mínimas

Acontece, em dadas circunstâncias excepcionais, que um detalhe lhe chama de tal forma a atenção que você não o anota ou apenas o nota. No entanto, trata-se certamente de uma observação no sentido forte da palavra, de algo que você observou porque o chocava, surpreendia-o, remetia em seu interior toda uma série de evidências que, de repente, eram reenviadas à arbitrariedade histórica ou cultural. As circunstâncias são, elas mesmas, tão notáveis que não corre o risco de esquecê-las.

Por se tratar apenas de uma possibilidade aberta e não de um conselho a seguir, ser-lhe-ão dados, aqui, dois exemplos célebres que não deve imitar. Estamos falando de dois grandes *social scientists* franceses, Marc Bloch e Marcel Mauss, ambos confrontados (durante a guerra de 1914-1918) com a experiência inesquecível da guerra de trincheiras. A primeira idéia das técnicas corporais veio a Mauss, diz ele, quando observou que as tropas inglesas não sabiam usar as enxadas francesas (192, 137). Por sua vez, Marc Bloch havia começado a redigir um "diário de bordo" quando da Primeira Guerra. Ele o justifica por conta da curiosidade. Depois cansa-se. Observa menos? Ou só mudou a forma de anotar? Só escreve no caderno os nomes próprios, nomes de lugares: algo que se esquece mais depressa mas, também, algo que traz à tona uma multidão de recordações enterradas.

Pode-se distinguir três categorias de fatos ou de objetos observáveis, aos quais correspondem os exercícios de 1 a 3, sejam eles efetuados num contexto familiar ou num contexto estranho:

- 1) *cerimônias*, eventos coletivos organizados que supõem ou autorizam a presença de espectadores, aos quais você se junta;
- 2) *interações* pessoais ou anônimas nas quais você tem que forçosamente ter seu papel;
- 3) *lugares ou objetos* observáveis na quietude da solidão, fora da cerimônia e fora da interação.

Na realidade, não existem lugares ou objetos que não remetam a interações ou cerimônias; nada de cerimônias sem interações e sem contexto material; nada de interações sem lugares e sem objetos. É por isso que, após esses três exercícios analíticos, nós lhe propomos como último exercício uma observação "total", na qual prestará contas de um evento coletivo sob estas três dimensões: seu desenrolar, seu contexto material, as interações, das quais o próprio evento é seu contexto.

Observar uma cerimônia

Alguns exemplos de cerimônias

Você pode assistir a uma cerimônia, uma festa, uma reunião pública, um espetáculo, pois são eventos aos quais todo mundo tem direito de assistir, gratuitos ou pagos ou eventos cujo direito de participar teve de ser negociado:

- festas (de uma escola, de um bairro, de uma associação);
- festinhas comemorativas (um nascimento, uma aposentadoria, uma promoção) organizadas num contexto profissional ou num grupo de parceiros;
- eventos familiares (casamento, batismo, sepultamento);
- festas do calendário (fim do ano escolar, Natal na empresa, comemorações de Ano Novo, 14 de julho, 11 de novembro);
- espetáculos (audições, concertos, campeonatos); reuniões públicas (associações, conselho municipal, vernissages, coquetéis);
- eventos escolares (campeonato, exame público, concurso, conselho de classe).

Em geral, o anúncio desse evento foi objeto de uma publicação escrita padronizada, impressa ou não, mencionando lugar, data, hora, motivo da reunião (convites, informativos, cartazes, às vezes, publicação num jornal local) difundida num "meio de interconhecimento" especializado (família, lugarejo, grupos de pais de alunos, associação, meio profissional).

Ou você faz parte "naturalmente" do público atingido ou tem que negociar e justificar sua presença.

• No primeiro caso, ocupe seu lugar, o de *espectador/participante autorizado ou convidado* (por sua qualidade de membro de uma associação, de colega, de irmão ou irmã de um aluno, de um jogador, de parente distante, de residente...). Se possível, não se destaque, pois não é o *único* espectador autorizado.

• No segundo caso, está normalmente sob a proteção de algum membro autorizado e se beneficia, ao mesmo tempo, de seu *status* e de seu ponto de vista. Sem isso, arrisca-se a tornar-se um ator muito especial do evento em curso (cf. Encarte 29).

Atenção! Há, muitas vezes, uma espécie de "direito de entrada" a ser pago; quando, por exemplo, a cerimônia não é paga, tal direito consiste em dar uma boa razão para estar ali e em fazer-se reconhecer como um espectador autorizado. A negociação, a explicação de sua presença deve, então, fazer-se antes e não após a cerimônia. Cabe-lhe julgar se uma presença estranha não explicada (que será, de qualquer jeito, notada desde que o grupo apresente um certo grau de interconhecimento) perturba, ou não, a cerimônia. Cabe a você julgar quem deverá avisar, com quem deverá negociar, a quem prestará contas. Procure não ser por demais importuno com os organizadores no momento do "tiro de partida".

Exemplo: você pode assistir a um casamento ou a um enterro sem nada dizer (por definição, cada um o tomará por aliado e não por consanguíneo) mas não na refeição que se segue (o risco de ser descoberto tornou-se maior), salvo se explicou sua posição a alguém que o apresentará, então, se necessário, como seu acompanhante ou seu padrinho. As cerimônias pagas (certas festas, refeições coletivas, excursões) resolvem o problema em seu lugar. Basta pagar a entrada, depois, explicar o que faz lá (não o expulsarão porque pagou). Em outros casos, poderá se apresentar como um convidado, um amigo de pessoa autorizada. É uma ocasião ideal para pôr em cena, tornar visíveis suas alianças. Se houver muita gente, você passará despercebido. Se, de repente, você se sentir pouco à vontade, se lhe pedirem para prestar contas e se lhe proibirem entrar ou se derem idéia de que vão pô-lo para fora, peça de imediato para falar com o organizador, o responsável e explique-lhe seu caso. A palavra-chave para abrir as portas é "Sr. X. está a par".

Há os "bastidores" do evento (os "preparativos" antes do evento e, provavelmente, um "pós-evento") que separam o círculo dos organizadores e o dos espectadores/participantes/convidados. As fronteiras temporais espaciais do evento são dadas de *antemão*, são indicadas por escrito e só lhe cabe levá-las a sério, copiá-las de novo e não construí-las. Distinguir-se-ão esses "eventos organizados" de duas outras categorias de eventos: a) as interações pessoais espontâneas (não organizadas, elas não são objeto de anúncio público, isto é, publicadas); b) as interações anônimas e funcionais (entre pedestres, automobilistas, usuários de transportes, clientes e empregados de lojas, das instituições públicas) nas quais não há nenhum engajamento pessoal (como nas interações pessoais) nem espetáculo no sentido exato do termo (salvo se quiser usar o termo espetáculo num sentido metafórico) e que não são organizados a não ser de forma abstrata e geral.

Antes da observação

Você escolhe o evento e para ele se prepara. Observe como dele tomou conhecimento, quem lhe fala, como se organiza o encontro para além do suporte escrito que lhe permitiu localizá-lo. Anote quem são os destinatários previstos desse suporte; se o anúncio é confidencial ou não; se a entrada será controlada ou não e como (pagamento, convites, documentos de identidade, interconhecimento direto).

Encarte 29**Assembléias gerais de associações: uma participação forçada**

A experiência mostra que, em muitos casos, uma observação "neutra" ou, mais exatamente, uma ausência de intervenção do observador é impossível. Não se recusa a intervir em reunião pública quando lhe propuserem, pois correria o risco de melindrar seus aliados. No entanto tente precisar as condições de sua passagem (temporária, universitária, complacente mas distante).

Alguns exemplos

1) Uma AG (Assembléia Geral) do comitê de bairro Saint Pierre, em 1983, é anunciada "no jornal" (as páginas locais do quotidiano regional). Florence Weber dirige-se para lá de boa vontade persuadida de que poderá misturar-se ao "público" (expectativa etnocêntrica como o hábito das "AG") de alunos do ensino médio ou de estudantes dos anos 1970.

Chega a uma salinha da prefeitura, desesperadamente vazia. No palco, cinco homens (o presidente, o secretário, o secretário adjunto, o tesoureiro e o tesoureiro adjunto) adotam o relatório anual (trata-se de uma obrigação estatutária para as associações, chamadas Lei 1901). Ela está no meio da sala e toma notas para disfarçar a trapalhada. No meio da sessão, o jornalista local, bem à vontade, passa como um tufo; o tempo suficiente para apertar a mão de todos, inclusive da pesquisadora (que não foi apresentada, e que não cumprimentou os presentes com aperto de mão) e pegar alguns papéis. Ao final, muito chateada, aproxima-se do palco, apresenta-se, tenta explicar-se. O presidente a reconhece (ela mora no mesmo bairro) e convida-a a ir a um café onde é intimada a beber uma bebida considerada como feminina e a tornar-se "secretária" da associação ("pois já tomas notas"). "Tomaram-te pela jornalista estagiária, pois Jacques (o jornalista) conhecia você". Apertar a mão de alguém, portanto, significa reconhecer, afirmar uma relação pessoal (ao contrário, experimente identificar as pessoas às quais não se aperta a mão, que não se cumprimentam pessoalmente, por exemplo a mulher da limpeza... Tente, também, apertar a mão de alguém que não conhece, sem dizer como você se chama, verá como é difícil). A pesquisadora tenta explicar-se, pois os outros a vêem ora como jornalista, ora como professora primária, ora como assistente social... Passará a ser uma companheira não muito confiante e um tanto esquisita.

2) A Assembléia Geral de uma federação nacional de jardineiros acontece num grande hotel de Paris. Os participantes (uns cem) são recebidos por uma jovem recepcionista que distribui pastas e crachás com o nome de cada um, pois este é o princípio dos congressos, isto é, tornar possível estabelecer relações "pessoais" pela identificação das características institucionais de cada um, neste caso o lugar da Associação. Florence Weber negociou sua presença (sem isso, ser-lhe-ia impossível entrar). Definem-na por sua pertença institucional (pesquisadora do Inra); enquanto tal, querem que se instale no estrado, ao lado dos representantes dos ministérios (que, aliás, lhe dirigem olhares de cumplicidade). Ela recusa firmemente (pois é sua primeira intervenção pública; prende-se ao seu antigo papel de estudante malgrado sua recente titularidade). Não pode, contudo, evitar que o presidente da federação a apresente, em seu discurso de abertura (ela está sentada na primeira fila tentando, em vão, fazer-se passar por uma jornalista) e se felicita publicamente por tê-la presente, o que denota (a seus olhos) o interesse da instituição da qual ela faz parte. Ela, no entanto, evita ter de fazer um discurso (polido e político) como o dos representantes dos dois ministérios (Agricultura e Assuntos sociais). Mais uma vez, trata-se de um mal-entendi-

do, pois (para os organizadores), F.W. não é uma pessoa privada nem um simples pesquisador-observador, mas a representante a mando de sua instituição para expressar seu apoio. É o que explica a surpresa deles e sua aprovação entusiasta (o Inra não costuma considerá-los tanto) e a amabilidade sistemática dos presidentes de associações locais.

3) Os dois dirigentes de uma outra associação nacional de jardineiros com quem colaborou no envio de um questionário por correio convidam Florence Weber, em 1991, para um encontro regional de "delegados" locais. Sabem que a presença dela tem um interesse científico e não institucional; pois a pesquisa, que já discutiram longamente, lhes interessa porque sua associação passa por momento crítico (baixa sensível do número de seus filiados). O contrato é claro: utilizam a pesquisa como uma forma de pesquisa de *marketing* gratuita; F.W. utiliza-os para obter (anônima e aleatoriamente) endereços. Eles não se sentem reconhecidos politicamente (como os precedentes), mas, sim, promovidos comercialmente. A reunião é tão cerimoniosa quanto possível; decoração, cartazes coloridos, entrega de medalhas, refeições coletivas. Não se parece, pois, com um congresso, mas com algo intermediário entre uma feira comercial, uma festa da paróquia e uma festa para distribuição dos prêmios. Desta vez, F.W. aceitou estar na tribuna e pronunciar algumas palavras para apresentar sua pesquisa. Respondem-lhe com um buquê de flores e um lugar de honra no almoço, pois ela é a atração do dia. Nem todas as associações têm estes ímpetos de civilidades. É preciso conjugação de:

- uma atividade consensual, política e socialmente como pode sê-lo a jardinagem, mas também a doação de sangue, a luta contra a Aids, bem diferentes sob esse aspecto são as atividades de grupos com interesses específicos (partidos políticos, grupos religiosos "sociais" ou culturais);
- uma instituição oficial por detrás do pesquisador que não seja sem vínculos com essa atividade (é o caso do Inra nos dois últimos exemplos);
- negociações prévias que tranquilizam cada um dos parceiros sobre os riscos de uma aliança (F.W. poderia ter colocado condições inaceitáveis a um convite oficial; seus parceiros poderiam ter-lhe imposto constrangimentos que ela não queria, sem excluir, por certo, o mal-entendido).

Cole, se possível, em seu diário um exemplar do convite registrando como ele chegou a você. Analise seus termos: trata-se de um convite? de uma reunião? os organizadores aparecem em pessoa? com seu nome de família? com sua função? são eles mesmos que se engajam ou que engajam a instituição?

Observe de antemão data e hora, seus próprios preparativos (roupa de cerimônia, meios, importância de chegar na hora), se vai só ou em grupo, quem fala e o que lhe dizem.

No local: perceber e memorizar

• *A questão das anotações in situ.* - Regra geral, evite fazer anotações no decorrer desse tipo de evento, salvo se a situação o permitir ou o exigir (todo mundo em torno da mesa, sentados e tomando notas). Nesse caso você não tomará notas como observador mas como participante: sendo o critério distintivo que você pode dar a ler ao seu vizinho se este lhe pedir.

Não se esqueça de que tomar notas, em todos os casos, lhe atribui uma posição particular uma vez que anota o que se passa, está ali para prestar contas a pessoas ausentes,

a superiores hierárquicos (você está, então, pois, em posição de jornalista). Conforme as situações, tomar notas é sinal de grosseria, sinal de que você se abstrai da observação (é o caso de uma reunião de conselho municipal, por exemplo). Em outras palavras, isso se faz ou não se faz. Aqui, como em toda parte e sempre você, para ser um bom etnógrafo terá necessidade de *saber viver*. Mas terá também que se interrogar sobre as regras de saber viver (se comportar adequadamente) que todos seguem naturalmente sem se questionar. São as gafes – e sanções que eles carregam – que o colocarão na trilha certa.

• *A questão das fotografias.* – Muitas vezes poderá tirar fotos. No entanto, não carregue sistematicamente máquina fotográfica (por exemplo, não se tiram fotos em enterro. Pergunte-se por quê). Os eventos públicos quando colocam em cena o espetáculo da alegria coletiva, dão lugar “naturalmente” a fotografias. A máquina lhe dará, pois, segurança. Suas fotos poderão servir-lhe de documentos, de auxílio à memória.

Saiba, porém, que o ato de tirar fotos lhe garante um lugar. Enquanto anotar o evento faz de você um censor, porta-voz ou jornalista, fotografar faz de você um simples fotógrafo, isto é, espectador ao quadrado, caixa de ressonância do espetáculo. Suporão que tira as fotos “para si” (para guardar momentos do espetáculo como espetáculo) ou para os outros (não mais como uma forma de controle, de suspeita, ou de publicação, mas como desdobramento da presença do espectador ou de um substituto para os ausentes que teriam ou gostariam de estar lá).

Há o risco de lhe pedirem ou até de comprarem suas fotos. Todos esses detalhes em torno das próprias ferramentas de seu trabalho (tomar notas, fotografar) são indícios extremamente importantes da natureza mesma do evento que você observa e sobre o espaço que, sem querer e, por vezes, sem o saber, você ocupa ali.

• *Programa, documentos escritos e objetos-lembrança.* – Suponhamos que não tenha nem bloco de notas nem máquina fotográfica. Não terá, portanto, depois, nenhuma recordação? Raras são as reuniões em que não circulam textos escritos, onde não são pronunciados discursos que têm todas as chances de existir sob forma escrita. Recolha sistematicamente tudo que lembra, procure, antes ou depois, os textos dos discursos, junto objetos:

- programas (dos concertos, das audições, das festas);
- cardápios das festas, dos casamentos;
- textos distribuídos ou não (orações, discursos, poesias);
- plano de distribuição das pessoas na mesa, vestígios escritos dos preparativos;
- objetos festivos (velas, cartões de visita, enfeites, flores).

Por ocasião dessa coleta, não será obrigado, em geral, a justificar sua curiosidade. Os eventos em foco são suficientemente marcantes, excepcionais para que seja normal procurar guardar algum vestígio. Seu aparente fetichismo achará explicações “naturais”, fora da pesquisa.

Observe que todos esses objetos podem, dada a circunstância ser transmitidos para a posteridade, isto é, podem vir a ser documentos para historiadores. Você, porém, leva

uma vantagem em relação ao historiador, que deve explorar ao máximo: você presencia o uso desses objetos e não tem que deduzi-los. Veja em quais condições os está recolhendo, em que momento são distribuídos, se todo mundo os recebe, se você teve que pedir.

• *A memorização: o que é notar?* – Saiba que memorizará convenientemente, por curto espaço de tempo (um ou dois dias), tudo que tiver notado. A técnica de observação consiste, pois, não somente em ter uma lista de questões padronizadas (cf. mais abaixo) mas também em excitar sua capacidade para notar detalhes. Na vida do dia-a-dia, fora da etnografia, todo mundo passa seu tempo a observar, isto é, a deduzir sem pensar, interpretações tranquilizadoras de detalhes familiares ou a notar detalhes excepcionais.

O que é notar? Como os outros usos do termo o indicam, é fazer uso de um julgamento, positivo ou negativo.

“Eu a notei, outro dia” pode ser um cumprimento. Eis que a transformaram em alguém singular, excepcional. Supõe-se que seja preciso tomá-lo pelo lado bom, mas pode ser que a tenham notado por ser corpulenta, fala alto, comporta-se mal? Seria grosseria de sua parte supor isso; se fosse o caso, ninguém estaria autorizado a dizê-lo dessa forma. “Devo, ao notar, avisar-lhe que está sem gravata”, seria uma chamada à ordem. É o que se chama “fazer uma observação”, ou, em linguagem escolar, chamar a atenção. Breve, nota-se o que choca, nota-se o que agrada.

Conclusão: acima de tudo nada de *neutralidade axiológica (postura neutra)* no momento da observação, pois estaria condenando-se a nada notar além do que os manuais lhe pedem que note. A neutralidade axiológica é um princípio de análise após fato, não um princípio de observação no local. Evite, todavia, expressar suas observações sob qualquer forma, pois em pesquisa (e malgrado as aparências a partir do momento em que está em situação, mesmo familiar, se está em pesquisa), a neutralidade não é um princípio científico, mas um princípio deontológico ou, mais simplesmente, um princípio prático de prudência. Portanto, expresse suas observações mentalmente.

Não as censure mas também não as declare a seus vizinhos. Não as interprete no momento, mas dê ênfase às características e às emoções se preciso. Deixe-se chocar, fique furioso, contente, maravilhado. Isso ajuda a observar. Mais tarde, anotar, ao mesmo tempo, suas observações e seus sentimentos e poderá interpretá-los em relação uns aos outros.

Um exemplo

“Eis um detalhe que me choca: uma mãe chama seu filho em alta voz durante o espetáculo”. Esta observação mental basta para que possa notar em seguida que, na festa da escola, os “pequeninos” de dois anos que representam um espetáculo preparado em aula e encenado por sua professora são atrapalhados pelo público especialmente quando descobrem suas mães na platéia.

Mais tarde, você se perguntará por que esse detalhe o chocou. Você se identificou com a professora, para quem a concentração dos atores infantis é um sucesso pessoal quanto mais difícil. Poderá, a seguir, analisar toda a ambigüidade dessas festas do maternal:

- apresentação, pelas organizadoras (diretora, professoras), do grupo de crianças; trata-se, ao mesmo tempo do “grupo-classe”, como se diz nos textos de pedagogia oficial e também do coletivo constituído pelo conjunto das crianças da escola e, por consequência, de seus pais;

- apresentação, pelos espectadores (pais, mães, avós, irmãos e irmãs) das performances individuais de seu rebento excepcional das quais há vários indícios objetivos, como permanente comparação, em voz baixa, entre seu filho e as outras crianças (aliás uma comparação divertida que nem sempre é favorável ao seu); intensidade de gravações (fotos e vídeos) exclusivamente centradas em seu próprio filho (os pais guardam seus equipamentos quando não é mais “sua” vez); movimentos dos bandos de crianças e pais entre diversas apresentações (não se assiste ao espetáculo no qual seu filho não participa) que exasperam as organizadoras;

- os pequeninos vivem fisicamente tal ambigüidade jogados, conforme a idade, entre a família (atiram-se nos braços da mãe logo ao final do espetáculo) e o grupo dos pares (eles esnobam seus pais e fazem como se não existissem).

• *A memorização: posicionamento espaço-temporal, variação dos pontos de vista.* – Três quartos da observação dependem de um bom posicionamento espaço-temporal. Observe, de início, o mais tranquilamente possível, os lugares. Chegue antes, se possível. Instale-se em um “bom” lugar de observação, de onde possa ver melhor. Mas não se esqueça de que está ali para observar amplamente tanto os espectadores quanto o espetáculo. Não se destaque muito, mas não se esconda demais. Não se esqueça, por vezes, que não tem escolha. Se faz parte da família do noivo colocá-lo-ão com “sua” família (em oposição à família aliada), por exemplo, à direita na igreja. Note quem é que se encarrega de preveni-lo, de o “colocar no lugar”. Mesmo que tal lugar não lhe convenha, não reclame.

Para memorizar os lugares, olhe-os pensando no esquema (cf. Encarte 30) que irá fazer a seguir, à direita, à esquerda, adiante e atrás. Depois, feche os olhos e veja se consegue reconstituí-los. Reabra os olhos e veja tudo que esqueceu. Recomece. Pense a seguir nas palavras que lhe permitirão nomear os lugares, guarde as palavras que os organizadores empregam (sala, cena, primeiras filas, bastidores; o palco, as luzes da rampa; o coro, a nave; o pátio coberto; os banheiros, o pátio aberto, a classe). Reterá também as palavras que nomeiam pessoas (o público, a sala, os atores, os alunos, os solistas, os que aprendem, os que sabem, os pequenos, os grandes, os pais, as famílias, os casados, a família do noivo, os hóspedes, os convidados). Todas essas palavras serão, mais tarde, chaves de interpretação. Por ora, são chaves de memorização. De cada vez guarde não só a palavra, mas também a pessoa que a usou e em que circunstâncias, com que intenção, por exemplo, assentar o público, para apresentar os alunos, para receber os convidados, para levar um brinde. Decida logo em que termos irá distinguir os lugares principais como os organizadores, atores (principais, secundários); pequenos detalhes indispensáveis para o desenrolar material e, em geral invisíveis, sem ser nomeados, público (permanente, móvel). Conte o público. Para tanto, divida mentalmente o espaço em partes de igual densidade (por exemplo, uma fila de cadeiras ocupadas). Conte, a seguir, o número dessas partes (no exemplo é o número de filas) e depois o número

de pessoas em cada uma das partes (aqui, dessas fileiras). Multiplique os dois números e você tem o resultado (é o método usado pela polícia para contar o número de participantes em manifestações de rua).

Encarte 30

A utilidade dos esquemas

Você está interessado em anotar as posições respectivas das pessoas no espaço, mas também as descrições de lugares e de objetos, sob forma de *esquemas* mais do que de descrições em palavras ou de fotografias. O esquema acentua os lugares e as relações espaciais – de pessoa com pessoa, de coisa com coisa, de pessoa com coisa. Ora é disso que você precisa como suporte de sua análise. A descrição em palavras o leva para o lado do ambiente, do vago, do ambíguo. A fotografia o empurra para o lado estético, para a pluralidade de detalhes. Você controla inteiramente o esquema, que deve ser um meio eficaz de recordação e de análise mais que uma “obra” apresentável. Servir-lhe-á de material. Você não o mostrará, pois é uma etapa intermediária para reavivar suas recordações e esclarecer sua análise.

Anotar no diário de pesquisa

Quando tudo acabou (fique um bom tempo após para verificar que, de acordo com os lugares ocupados, o evento não termina de uma só vez), dirija-se então para sua casa (ou a um cantinho *absolutamente* tranquilo) e abra seu caderno nas páginas da direita. Ali você encontra (e relê) o que anotou antes do evento. É possível que você disponha de uma boa coleção de lembranças: objeto, textos, fotos, notas de participante.

Espalhe-as diante de si e comece a anotar:

- o desenrolar cronológico do evento;
- o esquema dos diferentes lugares (pode haver vários esquemas se os participantes se deslocaram);
- o que você fez;
- o que ouviu;
- o que o chocou ou lhe agradou;
- sua análise (provisória).

Apóie-se nessas ajuda-memória. Crie legendas com precisão: (quem lhes deu, em que momento, qual era o papel deles). Não se esqueça de interrogar-se sobre os diferentes “começos” do evento segundo as pessoas e sobre seus diferentes “fins”. Não terá dificuldade alguma em anotar tudo que tiver previamente memorizado, isto é, notado. Faça-o na seqüência em que isso lhe retorna à memória e, a seguir, classifique de novo suas notas. Quanto melhor tiver distinguido as diferentes fases no decorrer do evento, tanto melhor delas se recordará e as anotará. A observação é uma observação “mental” (como se diz “cálculo mental”) bem mais que uma observação visual ou sensível, pois você anota e memoriza palavras ouvidas, lugares nomeados, ações nomeadas/

A cerimônia que escolheu pode ser um evento de pesquisa clássica (por desambientação) ou um evento familiar. A possibilidade de *distanciamento* está inscrita em toda cerimônia; simetricamente, a ausência de familiaridade não é escandalosa, nesse caso, pois há sempre um lugar para o estranho de passagem, para o observador desinteressado que fica como excelente “espectador”. Não é mais o caso das interações, sejam elas anônimas ou pessoais, pois o observador é visto aí, em geral, como um indiscreto. Ser-lhe-á então necessário atuar numa tensão entre distanciamento e familiaridade que constitui a etnografia.

Observar uma interação

A técnica básica é a mesma em toda parte. A interação, no entanto, ao contrário da cerimônia, não foi preparada nem anunciada. Na melhor situação, você tem um encontro em tal hora e em tal lugar. Pode, também, ser perfeitamente imprevisto. Primeiro corolário: é bem mais difícil decidir quando ela começa e quando termina. Segundo corolário: é bem mais difícil dar-lhe um nome, pois não passam de “encontros” entre pessoas que se conhecem (interação pessoal) ou entre desconhecidos definidos por sua função (interação anônima).

A entrevista etnográfica é o próprio tipo de interação *pessoal* em contexto de desambientação. Sua relativa solenidade, acentuada pela presença do gravador, representando o público, fixa-lhe um início e um fim. Como nas cerimônias, há uma “preparação” (antes do início) e uma espécie de “continuação” (após o final). Exercite-se, pois, na observação das interações pessoais tomando notas após a entrevista.

Tem-se observado muito que é bom fazer-se uma entrevista em duplas de pesquisadores. De fato, um dos dois está “preso” à entrevista, com o encargo de não perder a continuidade da entrevista e não pode permitir-se relaxar a atenção (sua capacidade de observação) em seu interlocutor; o outro, liberado dessa função, pode observar a cena: seu contexto, os outros participantes, a atitude do pesquisado e a do primeiro pesquisador, está livre para ocupar mentalmente esses diferentes lugares.

Quando não se trata mais de uma entrevista, a primeira dificuldade que encontrará é a de isolar essa interação pessoal, de dar-lhe autonomia, de a nomear. Tudo depende, então, do que está procurando observar. Se estiver interessado em uma observação de atividades de trabalho (caso em que você é parte integrante) terá que nomear um momento particular desse trabalho. Se estiver interessado em observar relações familiares, terá que, aí também, isolar e nomear um evento. O mais importante é compreender a que título foi admitido para observar. Pode ocupar múltiplos locais, mas saiba, assim mesmo, que, em geral, se não se cuidar, a posição de observador confunde-se facilmente com a de controlador que é um papel atribuído a quem “não faz nada” e que, no entanto, assiste, olha, tem um bom motivo para estar lá (veja a facilidade com que, numa tarefa doméstica, o mais preguiçoso é tratado como “inspetor dos trabalhos acabados”). Essa posição confunde-se também com a de *visitante/curioso* (cf. Encarte 31). E quando se é verdadeiramente parte integrante, perde-se liberdade de ação e sente-se dificuldade para mudar de papel, de local, de ponto de vista. Tome partido e saiba que sua observação ficará forçosamente incompleta. Nomeie e referencie os pontos de vista que não pôde assumir. E complete suas observações com entrevistas.

As ferramentas da observação, anotar *in situ*, memorizar, anotar, são as mesmas. Anote de início o desenrolar cronológico, faça o esquema dos lugares e das posições, retenha as palavras, as fórmulas e as interpretações enquanto “ainda quentes” dos diferentes participantes. Anote a sua, também, com modéstia, sabendo que é provisória. Tente tomar partido suficientemente para *anotar* o que vai, ou não, ser bastante destacado depois para notar que se trata de tomada de posição e que há outras mais. Aí, também, a observação consiste em uma tensão entre a tomada de posição, “o engajamento” e o “distanciamento”. Você conseguirá sair dessa situação estando *engajado* no momento do evento, e *desligado* na hora de tomar notas graças à capacidade da escrita de “objetivar”, de “distanciar” *após o fato*.

O essencial da observação, no caso de interação pessoal, reside na decisão de anotar, isto é, na decisão de que se trata de um evento *importante*. Importante para você, para sua pesquisa, para sua busca. Vale mais anotar demais e depois jogar fora notas sem interesse do que deixar de anotar algo que poderia vir a ser decisivo para sua *análise*.

Você pode observar, também, uma interação anônima, isto é, aquela em que os participantes não se conhecem por seus nomes. Todavia, você terá dificuldades para tirar vantagem disso porque você mesmo não conhece ninguém e, com isso, sua observação ficará vaga e não poderá ligar o que viu com nenhuma informação exterior à interação e ficará fechado no momento observado sem mesmo saber se é o caso de um encontro independente, nomeado, observado por seus protagonistas, ou seja, você conhece um dos participantes e pode, então, repassar-lhe seu ponto de vista (é interessante no caso das profissões de serviço especializadas nesses encontros funcionais de servidores, controladores, guardas, empregados de recepção) mas não o de parceiros. Tudo depende, nesse caso, mais uma vez ainda do tema que escolheu (cf. Encarte 32).

Encarte 31

Entre o zôo e o cronômetro

Numa oficina ou pavilhão industrial ninguém entra se não tiver uma função no trabalho (operário, controlador, chefe de equipe, engenheiro). Há duas ocasiões de visita odiadas pelos operários; a do cronometrista que vem observar, medir, notar as atividades de trabalho para transformá-las em instrumento de controle e de aceleração das cadências, do ritmo e a dos visitantes “desinteressados”, convidados pelos engenheiros e de imediato comparados, pelos trabalhadores, aos visitantes de um zôo. Em certos casos há um terceiro tipo, o das visitas organizadas para as famílias dos operários. Quando é possível esta é a melhor solução, pois acreditarão que você é primo(a) distante de um dos operários. Há uma encenação (típica da cerimônia) e gozações (típicas da interação pessoal).

Observar lugares e objetos

Esta observação, a mais fácil de conduzir, porque não teve que ser negociada, é uma verdadeira cilada para os iniciantes. Ou seja, você não verá nada e terá apenas que diluir esse nada. Ou, ainda, imitará o modelo da descrição literária. Na literatura as descrições, ferramentas dos romances (pense-se sobretudo nos romancistas fran-

ceses do século XIX), têm uma função precisa, a de gerar um "efeito de realidade" (GRIGNON [90]), fazer os leitores crerem que a história, os personagens são reais e instalá-los num quadro realista, adicionar detalhes inúteis à narração para mergulhar o leitor num "outro mundo". Em etnografia exótica, encontramos um análogo, o de levar o leitor a um campo exótico para mostrar-lhe a superioridade do autor por seu conhecimento do campo. Como você não é um explorador de regiões exóticas, como só tem que descrever lugares e objetos comuns, banais; como não tem que convencer seus leitores (seus docentes) de sua veracidade (eles têm outros meios de se assegurar de sua honestidade), evite essas descrições. Ninguém lhe pede que seja romancista.

Encarte 32

Observar lugares públicos: interações anônimas e nomes pessoais

Constatou-se a atração dos estudantes por observações *incógnitas* em espaços públicos onde indivíduos circulam, onde eles têm a impressão de que passam-se "coisas".

1) Tomemos o exemplo de um estudante que optou por observar uma estação de trem. Observa banalidades – os movimentos da multidão, a sala dos objetos perdidos – e o que atrai e chama a atenção (os SDF que ali vêm buscar refúgio, que pedem esmolas próximos aos guichês de vendas dos bilhetes). Constata que predominam as pessoas idosas durante o dia (dão uma volta pela estação, uma volta pelo posto dos correios, o que lhes permite fixar sua referências temporais), a impaciência dos "burgueses" que, na fila do guichê, não hesitam em deixar clara sua irritação. Pedem-lhe que, após esse primeiro relato, faça observações mais próximas aproveitando sua amizade com o bilheteiro. Se não se aproveitar disso para negociar essa posição de observador, terá que concentrar-se na observação das filas mais longas na sala das informações. Faz-se passar por um cliente para observar a fila de espera. Como esta, por definição, é instável e mutante só poderá fazer observações pontuais e próximas do senso comum, como por exemplo o fato que os clientes "chiques" dessa estação balneária querem passar na frente dos outros.

Solução

A não ser que saiba, de antemão, o que procura, abandone o fantasma da observação *incógnita* numa multidão anônima. Tente, de preferência, achar um lugar estável de observação e aliados com quem falar sobre o que observa. Não se esqueça de que a observação faz parte da vida social e que um certo número de profissões (em particular as de "serviço", aquelas que lidam com um "público" de usuários ou uma série de clientes) desenvolveram, por necessidade, uma prática da observação interessada. Isole, na estação, um espaço em que possa fazer observações repetidas de interações. Na ocorrência, se possível, pegue, de preferência, o posto do bilheteiro, ao invés daquele do cliente, pois aquele se depara com interações anônimas e também com inúmeras interações pessoais (colegas, pessoas conhecidas).

2) Tomemos o exemplo de uma estudante que, trabalhando sobre o corpo, deseja observar a sala de espera de uma PMI (serviço de Proteção Materna e Infantil). Acreditou, de início, poder fundir-se com as "clientes" antes de dar-se conta de que, não tendo criança consigo, não podia evitar aparecer como estando do lado da instituição (secretária, tradutora, educadora infantil, médica). Instalou-se por vários dias ao lado desses profissionais e, depois, veio narrar seu pânico,

querendo abandonar; não sabia literalmente o que observar, isto é, nem o que olhar nem o que anotar. Acabou por compreender dois "truques" de observação: a) designar, em suas anotações, as crianças por seus nomes; localizar, primeiro nas conversas e depois nas entrevistas as categorias de percepção postas em prática pelos diferentes profissionais. Ela não pôde, pois, forjar critérios pessoais de observação (de diagnóstico) das crianças que são, também, critérios de juízo sobre as mães. Ela não pôde ter acesso aos pontos de vista das mães, mas compreendeu as funções que exerce a PMI para algumas delas, lugar de sociabilidade maternal, momento de aprendizagem das normas, recurso exterior na hora dos conflitos familiares. Ela não compreendeu os trâmites sociais da percepção profissional dos corpos infantis a não ser descobrindo a frágil diferença, a seus olhos leigos e desinteressados, entre uma criança que o pessoal da PMI acha "gordo" (diagnóstico patológico acompanhado de conselhos de prudência e de higiene alimentar) e um outro que acham "soberbo" (aprovação sem reserva de um corpo também "rechonchudo" tanto quanto o precedente).

A primeira condição (designar-as crianças pelos nomes) vale para toda observação de pessoas numerosas e (relativamente) indiferenciadas quanto à sua posição (aqui, crianças em consulta no PMI; alunos, clientes, passageiros, operários). Para perceber diferenças interindividuais, sair do magma das impressões fugidias é preciso obrigatoriamente *nomear* as pessoas.

É o que sabe fazer, a cada reinício das aulas, um docente do ensino fundamental; sua primeira tarefa é "aprender os nomes" de seus alunos ou, mais exatamente, saber colocar um nome em seu rosto. É também a condição essencial para toda observação etnográfica. O etnógrafo só pode conhecer pessoas com nome e não *indivíduos* anônimos. Desse ponto de vista, seu ângulo de aproximação é radicalmente diferente do utilizador da pesquisa por questionário – que se poderia chamar de "pesquisa anônima". O estatístico só conhece indivíduos (no duplo sentido sociopolítico e estatístico); o pesquisador, por questionário, fez seu interlocutor passar do *status* de *pessoa* (na interação) para o *status* de *indivíduo* estatístico.

Seria, por estas razões, necessário proscrever toda descrição dos lugares e dos objetos? Seria uma pena fazê-lo por dois motivos:

- Servem de contextualização às cerimônias e às interações a que se assiste; desempenham um papel para os diferentes participantes (limitação material – espaço muito pequeno, muito grande; referência comum – lugar íntimo, impressionante para todos, para alguns, suporte de apropriação – minha casa, sua casa, casa deles).
- Carregam vestígios de uma história que, através deles, se impõe aos participantes.

Desconfie, no entanto, em suas primeiras descrições de um lugar desconhecido, pois não colocará ali nada além de suas "projeções"; liberará apenas seus próprios fantasmas. Podem servir, se for o caso, não como descrição mas como elemento de auto-análise (cf. Encarte 33). Prefira, para começar, lugares ou objetos familiares. Você pode efetuar uma primeira descrição de um lugar no início de pesquisa; depois, uma segunda, no final de sua pesquisa. Entre as duas, sua familiaridade com o campo do interconhecimento terá transformado suas percepções.

Para anotar suas observações, não terá mais o recurso do desenrolar cronológico de um evento. Anote, no entanto, a hora, as circunstâncias, depois nomeie o lugar, situe-o com ajuda de um mapa, se preciso; nomeie sua relação com ele. Quem usa esse nome? É um nome próprio, um nome comum? Utiliza um pronome pessoal? Há marcas objetivas (materiais) dessa apropriação assinalada pela linguagem? Por quem é freqüentado esse lugar? A título de quê? A que horas? Para que uso? Depois reflita sobre sua história. Não se esqueça de que lugares e objetos são, a um só tempo, o contexto e o produto de interações sociais. Têm produtores e usuários. Trazem a marca dos eventos que ali se desenrolaram e esses eventos, reciprocamente, lhes devem algo.

Encarte 33

O etnocentrismo das descrições

Na maior parte das descrições das pessoas ou dos lugares, quando existe uma certa distância social entre observador e observados, encontra-se uma ou outra dessas duas formas simétricas de etnocentrismo.

1) O desprezo, muitas vezes, tingido de compaixão, colore geralmente as percepções que se tem de "alto para baixo". Tome-se como exemplo o exposto por um pintor-fotógrafo a um auditório de estudantes parisienses de filosofia. O conferencista apóia-se sobre uma série de diapositivos (*slides*) de jardins populares. Fala de estética. Chega a vez de um clichê mostrando o jardineiro posando em pé diante de seu jardim. Comentário do palestrante: os jardins são limpos, arrumados, impecáveis. Alaridos de rir dos estudantes, pois o jardineiro é velho, está sujo, mal apresentado. O desprezo mostra-se, muitas vezes, pelo rir ou, quando tingido de compaixão, pelas lágrimas.

2) Um temor respeitoso colore geralmente as percepções que acontecem "de baixo para cima". Assim, vários estudantes de mestrado conduzem entrevistas com dirigentes (homens políticos, "altos funcionários", "grandes", patrões) e prestam contas dessas entrevistas dando destaque ao porte do escritório, à grandeza do espaço, o fofô de seus tapetes e o número de seguranças. Eles ficaram impressionados e nem pensam em rir disso.

Duas soluções

1) Dê livre curso a esses sentimentos num primeiro momento. Tenha coragem de anotá-los (tive medo, achei ridículo). A seguir, relatará sua descrição incluído as características da relação entre você e a pessoa descrita (relação habitual e não habitual, provável e improvável, fascínio; encontro de um modelo para sua vida futura; repulsa).

2) A título de higiene pessoal, exercite-se em inverter seus sentimentos; ria das tentativas (ridículas desde que são em vão) de intimidação pelos objetos, pelo corpo, pela atitude; respeite as marcas do trabalho (envelhecimento, cicatrizes, deformações) nos corpos dos trabalhadores manuais; inveje as mães de família numerosas ao invés de ter pena delas. Claro que fará seus exercícios *em segredo!* Em pesquisa, é ruim não manifestar os sentimentos que seu interlocutor espera de você.

Uma vez controlados seus sentimentos e sua "sensibilidade" (socialmente aprendida) desnaturalizada, você estará pronto para saber como utilizá-los como ferramentas para a pesquisa.

Descobrimos os dominantes por sua capacidade de manipular sua "imagem" e impô-la a seu público (mesmo e talvez sobretudo quando mantêm um ar natural, espontâneo); ao contrário, as pessoas comuns, que não se preocupam com sua "imagem", senão para com seus próximos (sedução, porte, atitude), são muitas vezes indefesas diante do olhar distante (o do etnógrafo, o do jornalista). É por esta razão que elas, como qualquer pessoa, escondem para si a percepção do desprezo ou a compaixão, sentimentos insultantes que você possa ter demonstrado em relação a elas.

É o que a tradição sociológica chama, segundo Durkheim, de *relações sociais cristalizadas*.

Claro que a distinção entre cerimônias, interações e lugares é puramente analítica. Cada qual desses três elementos "observáveis" remete aos outros dois. É hora de sugerir-lhe uma *totalização* desses três "pontos de vista" por ocasião de um evento que observará *no final da pesquisa*.

Uma observação total

O leitor terá notado, graças aos exercícios precedentes, que os eventos públicos (ou "cerimônias"), uma vez que se tenha exercitado neles, são um "abre-te sésamo" para o campo.

No início, você não tem que negociar sua presença como espectador, mas terá interesse em "apresentar-se" aos organizadores no decorrer da cerimônia para explicar-lhes que tem razões particulares para estar ali, para cumprimentá-los pela organização e para pedir-lhes explicações complementares. Excelente ocasião para fazer contatos! Tanto mais que, mais tarde, terá uma lembrança comum (ou mais exatamente uma referência comum) com seus pesquisados que não deixarão de lembrar-lhe de utilizá-la. Enfim, poderá, com o tempo, passar da posição de espectador para a de organizador (evite, de preferência, a de ator); ocasião de observar todas as interações pessoais sobre as quais se sustenta esse gênero de cerimônia.

Além das vantagens práticas, em termos de pesquisa, dos eventos públicos, estes apresentam vantagens em termos de observação e análise. São *condensados de relações* que oferecem, juntos, os três níveis de observáveis: sob o evento, as interações; em pano de fundo, o lugar e os objetos. No fim da pesquisa, você assiste a um desses eventos que mobilizam um meio de interconhecimento. Conhece todo mundo pois pode colocar nomes nas testas de cada um, pois discutiu com cada um e conhece os laços de parentesco, de vizinhança, de profissão de cada um com cada um. De cara, pode observar não só o espetáculo que preparam para você (e outros), mas também as interações anexas que, ao mesmo tempo, constituem a trama. Você pode, então, tentar uma observação total: lugares, objetos, interações, cerimônias, cada nível remete aos outros e sua análise se sustenta. Você tem certeza de que seu campo está acabado, o evento é transparente, pois tem, ao mesmo tempo, o resumo de sua pesquisa e seu fechamento.

EXERCÍCIOS DE OBSERVAÇÃO

Exercício 1: Observar um evento público

Pesquisa por desambientação

Pesquisa por distanciamento

1) Prepare a observação

a) Anote como soube do evento (diário de ações de pesquisa).

b) Negocie seu posto de observador e anote em que condições você está presente (diário ações de pesquisa).

a) Escolha o evento e anote as razões da sua escolha (diário de pesquisa).

b) Analise antes sua posição objetiva (diário de pesquisa).

2) Acumule documentos

(Escritos, objetos, fotos) antes, durante, depois e anote as condições da coleta de cada documento (diário de ações de pesquisa).

3) Durante o evento

a) Memorize a disposição espacial dos lugares e das pessoas.

b) Memorize o desenrolar temporal do evento.

c) Memorize as palavras que ouvir.

d) Conte o número de pessoas presentes.

e) Distinga as pessoas móveis e as imóveis.

f) Distinga (com que critérios?) grupos.

g) Distinga lugares, pontos de vista.

h) Mude de lugar se possível, teste *in situ* a existência de vários pontos de vista.

4) Primeiras anotações no diário de pesquisa

Anote o que observou imediatamente depois.

5) Teste os diferentes pontos de vista (e anote)...

no decorrer de entrevistas gravadas em que você pede que lhe contem e que lhe expliquem o que se passou...
...graças a discussões informais com outros participantes.

6) Observação de controle e (tomada de notas)

Tendo compreendido tudo isto, observe, de novo, um evento análogo para controle. Refaça as etapas 3 e 4 somente e só anote as novidades (na medida em que elas esclarecem a primeira observação).

7) Passagem a limpo das notas

Relacione as notas tomadas antes, logo depois, após a pequena pesquisa e refaça suas anotações (diário de pesquisa).

8) Redigir um relatório

Agora você pode produzir um texto definitivo centrado neste primeiro evento, que seja legível para outra pessoa, suprimindo os detalhes que não utilizou. Isso fará parte da redação final com o tempo e confiança adquiridos...

Exercício 2: Observar uma interação pessoal

Pesquisa por desambientação

Pesquisa por distanciamento

Trata-se, em geral, de uma entrevista. Pode ser uma interação não gravada.

Trata-se de um evento que o chocou, no qual conhece *pelos nomes* todos os participantes, e que não tem nem *preparação* nem *público*.

1) Note enquanto estiver quente um primeiro relato

a) Dê um título a essa entrevista.

b) Resuma a posição de seu pesquisado, não se esqueça de que é um participante.

c) Note o que se passou antes do início e depois do fim da gravação.

a) Dê nome ao evento. Por que usa tal palavra?

b) Quem são os participantes. Não se esqueça de você.

c) Fixe um início e um fim para o evento

d) Esquema espacial.

e) Esquema temporal.

f) Palavras importantes utilizadas.

g) Tente compreender o que a entrevista significou para seu pesquisado; como ele a percebeu. Mal-entendidos?

g) Anote os pontos de vista de *uns e de outros sobre o evento*; os conflitos possíveis de interpretações posteriores.

2) Deixe essas notas de lado

Transcreva a entrevista alguns dias mais tarde sem ter relido suas primeiras anotações.

Não toque mais nelas, pois as utilizará, uma vez acabada a pesquisa, se sua análise o levar para essa direção.

Exercício 3: Observar um lugar e coisas*Pesquisa por desambientação*

A cilada!

- Tente a experiência.
- Peça a um entrevistado que lhe conte a história do lugar e o que se passa ali habitualmente.
- Teste o vazio de uma observação perfeitamente estranha comparando a) e b), comparando com um lugar familiar.

Pesquisa por distanciamento

Escolha um lugar bem conhecido há muito tempo.

Responda por escrito a estas questões:

- Nomeie esse lugar. Nomeie sua relação com ele. É nome próprio? É nome comum? Marcas de apropriação? Pronome pessoal?
 - Existem limites/níveis? Tem impressão de entrar e sair desse espaço atravessando uma barreira ou uma terra sem dono? Como sabe que está dentro ou fora?
 - Por quem mais é freqüentado, além de você? Nome, sobrenome, idade, sexo, etc. A que título, em que momento, para que uso?
 - Esquema espaço-temporal: restitua o lugar das pessoas que freqüentam. Escolha uma hora em que o local esteja ocupado.
 - História (cronologia)
 - Objetos marcantes; sua história seu uso...
- Ler Yvette Delsaut [69]

Aplicação: Observe seu próprio trabalho

- Lugar
 - Objetos
 - Esquema espaço-temporal (cf. Exercícios 1 e 2)
 - Escolha um dia especial e observe a noite ali:
 - colegas presentes/ausentes; apresente-os;
 - palavras ouvidas; palavras usadas para dizer o que faz;
 - eventos marcantes (cf. Exercício 2)
- Ler Pierre Fournier [63].

Exercício 4: Uma observação total*Pesquisa por desambientação*

- Escolha um evento público em que conheça todo mundo.

Este exercício não pode realizar-se senão em final de pesquisa; é um tipo de totalização e de controle de seus conhecimentos. Explique a seus aliados por que quer assistir de novo a esse evento.

Pesquisa por distanciamento

Previna algumas pessoas sobre suas intenções; proponha tirar fotos; pegue um ou dois "aliados" para ter outros pontos de vista além do seu (ex. uma festa do pessoal no McDonald's; use colegas de forma confidencial; um "dedicado" e um "revoltado").

- Observe e anote seu desenrolar (cf. Exercício 1)

- Observe e descreva o lugar (o contexto) e os objetos importantes (os que têm uma história) (cf. Exercício 3)

- Observe e anote as interações pessoais que acontecem ali. Seu olhar está aguçado por seu conhecimento do meio, suas observações precedentes, suas questões. Você deve chegar a um relato rico e interessante.

Exercício facultativo: Faça você mesmo seu plano de trabalho

Você tem seu tema. Reflita em busca de situações de observação comparáveis em contexto familiar e em contexto estranho. Ache uma cerimônia, uma interação, um lugar, coisas que possam relacionar-se entre si. Saiba que esse plano não poderá certamente realizar-se perfeitamente.

Abandonando-o para seguir a dinâmica da pesquisa, terá certamente aprendido bastante. Exemplo: você quer pesquisar a escola primária onde é agente de disciplina. Irá observar:

- uma cerimônia, a festa de fim de ano (em "sua" escola, em uma outra);
- uma interação que em sua escola será uma refeição na cantina e as relações entre cozinheiras, vigias, diretoras, professores, alunos; em outra escola terá que negociar duramente tal situação e pode-se supor que o pessoal "estará em pé-de-guerra" e essa interação tornar-se-á um evento público; mude seu fuzil de ombro, observe uma entrevista com uma cozinheira;

- um lugar:

- descreva sua escola como seu lugar de trabalho;

- descreva a outra escola buscando os traços do trabalho dos outros;

- coisas: tente descrever a decoração do pátio coberto; do ponto de vista dos alunos, da professora, do inspetor, de um pai de aluno, de um visitante. O que notarão esses diferentes observadores? Não se esqueça da diferença entre um objeto percebido por seu produtor (uma decoração feita pelos alunos sob controle do docente) e o mesmo objeto percebido por espectadores mais ou menos interessados.